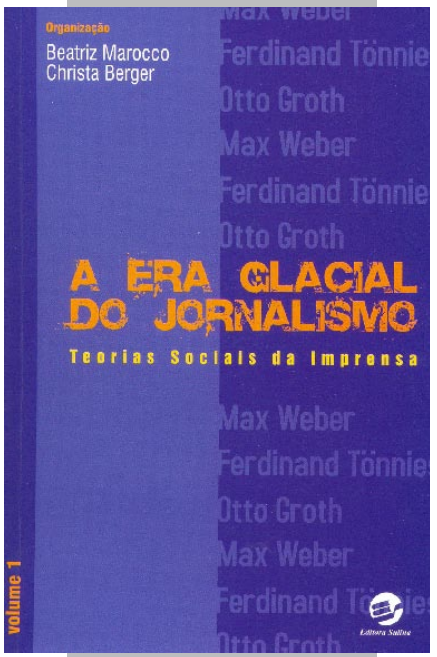
Paradigmas e atualidades no passado da teoria jornalística

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Orgs.).
A era glacial do jornalismo – teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre os jornais.
Porto Alegre: Sulina, 2006. 310 p.

Por Frederico de Mello Brandão Tavares



A idéia de uma "era glacial" remete-nos a uma imagem de começo, de primórdios, de contexto de gênese de uma série de processos. E é justamente disso que trata *A Era Glacial do Jornalismo*, de proposições teóricas que, diretamente ligadas ao pensamento sociológico emergente do século XIX, destinaram-se a estudar um fenômeno social, já desde a época, carente de análise: a imprensa periódica e sua penetração na sociedade. São teorias que partem da sociedade para falar da imprensa e que, ao alcançá-la, constituem um novo ponto de partida, de onde nós, pesquisadores da área, podemos iniciar trajetórias. Textos que, podemos dizer, antecedem ou revelam um cenário de formação daquelas que tomamos hoje por "Teorias do Jornalismo".

A obra, primeiro número de uma coleção de dois volumes[1], centra-se em escritos de três grandes pensadores sociais alemães: Max Weber, Ferdinand Tönnies e Otto Groth. Os dois primeiros, muito lidos na teoria sociológica, e o último, muito citado em várias obras que pensam uma "fundação teórica do jornalismo", mas pouco acessível em publicações de língua portuguesa. Precedendo cada um dos textos, estão comentários de alguns autores que buscam analisar não só as idéias presentes nos escritos em questão, como também as relacionam ao pensamento mais geral do autor tratado. Mais que introdutórios tais comentários são uma interessante "porta de entrada" para os originais que lhes sucedem. E, sem antecipá-los, reiteram a importância de suas leituras, enriquecendo-as com outros elementos; o que é válido principalmente para aqueles leitores que pela primeira vez estão pisando no terreno destas reflexões.

A introdução, um texto de Hanno Hardt[2], destaca historicamente o processo de crescimento dos jornais nas sociedades ocidentais, o aumento de circulação de informação e notícias, e a penetrabilidade da imprensa na vida cotidiana. Cenário este que fez com muitos intelectuais, a partir do século XVII, voltassem suas

atenções para o periodismo, a fim de refletir sobre aspectos de sua produção, circulação e recepção. Assim, anota o autor, os textos reunidos em *A Era Glacial do Jornalismo* são baseados "em registros históricos sobre o que de relevante se dizia sobre comunicação, especialmente na Alemanha, com repercussão nos intelectuais americanos do século dezenove e início do século vinte" (pág. 19). São textos que destacam o interesse das ciências sociais no papel da imprensa e na opinião pública e a influência desta área na formulação de um campo autônomo de estudos sobre o jornalismo, a *Zeitungswissenschaft*.

As três partes que se seguem ao capítulo introdutório são destinadas a cada um dos três pensadores alemães. A primeira delas, focada em Max Weber, é aberta com um texto de Murilo Kuschik, que busca apontar para a relação de Weber com a comunicação. Resgatando a trajetória teórica weberiana e alguns conceitos importantes do autor como "ação social" e "tipos ideais", Kuschik relata a visão do teórico sobre a imprensa a partir da configuração da empresa privada capitalista e de outras questões que envolveriam o trabalho jornalístico tais como a ideologia, a política etc. Segue-se, então, a esta primeira parte o texto de Weber, "Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa", que trata principalmente da institucionalização da imprensa, a participação desta na constituição da sociedade e do homem modernos e, conseqüentemente, sua relação com a opinião pública. Tais aspectos servem de ingredientes para as problematizações realizadas pelo autor e sua busca por um pensamento, segundo suas palavras, "mais qualitativo" sobre o jornalismo.

A segunda parte tem como eixo um conceito tratado brevemente na primeira: opinião pública. O comentário inicial é de Slavko Splichal e trata da teoria de Ferdinand Tönnies sobre a opinião pública como uma vontade social. Splichal relembra as reflexões de Tönnies sobre a opinião pública e sua relação com o modelo "comunidade-sociedade", bem como destaca o valor teórico do conceito de opinião pública por ele desenvolvido e, ao mesmo tempo, observa algumas "negligências" empíricas presentes na formulação do mesmo. Neste percurso, aborda-se o jornal e sua participação na expressão de uma opinião do público ou sua influência na opinião pública. Na seqüência deste comentário, e fechando a segunda parte, dois textos de Tönnies tratam a fundo a questão: "Opinião Pública" e "Opinião Pública e 'a' Opinião Púbica". Ambos os textos abordam a formulação do conceito de opinião pública – confrontando a perspectiva ali formulada com outras existentes – e a formulação de suas modalidades de expressão. Nesse contexto, aparece o jornal e o jornalismo e, indiretamente, o processo complexo de mediação existente na tríade: opinião pública, jornalismo e sociedade. São importantes apontamentos tanto para pensar o jornalismo, quanto para refletir sobre a questão da esfera pública desde uma perspectiva não habermasiana, algo tão comum em nossa área.

São importantes apontamentos tanto para pensar o jornalismo, quanto para refletir sobre a questão da esfera pública desde uma perspectiva não habermasiana, algo tão comum em nossa área

Centrada na obra de Otto Groth, a terceira e última parte volta-se para a "formulação teórica de uma ciência jornalística autônoma". Tal idéia está esmiuçada no comentário de Karl-Ursus Marhenke e plenamente disponível no texto de Groth que encerra o livro: "Tarefas da pesquisa da ciência da cultura". Neste texto, há uma sistemática reflexão sobre a inserção do jornalismo no campo da ciência e os tensionamentos

existentes neste processo. Pensa-se a "ciência jornalística" como uma necessária e nova área no interior das ciências da cultura, bem como as características de sua autonomia no ambiente científico. Analisando os processos jornalísticos à luz de vários aspectos teóricos de outras áreas, como a Filosofia, Groth, exemplarmente, mostra como lidar com desafios epistemológicos de formação de um novo campo do saber e indica relevantes aspectos para pensarmos – ainda hoje – o que significa tomar o jornalismo tanto como uma área de conhecimento específica quanto como uma área de saber dentro da comunicação social.

Concordando com Beatriz Marocco e Christa Berger, as organizadoras da publicação, podemos dizer que *A Era Glacial do Jornalismo* vem preencher uma "lacuna no pensamento jornalístico". Mesmo tratando de um momento social e cultural específico e datado, os textos principais da obra lidam de maneira complexa com o campo jornalístico, o que dá a seus conteúdos uma perenidade e, ao mesmo tempo, um valor paradigmático. Não se trata de um livro de um só autor, mas de uma grande problemática: a problemática jornalística. E, por isso mesmo, mais que a sugestão de uma leitura obrigatória, recomenda-se uma constante releitura.

A Era Glacial do Jornalismo, assim, configura-se como um novo clássico para as "Teorias do Jornalismo". Não apenas por trazer comentários e textos de autores já consagrados, mas também por carregar consigo, em sua materialidade e imaterialidade, aquilo que uma obra clássica possui independentemente da época em que for lida e que a faz ser referência para uma área do saber: a profundidade, a atualidade e a centralidade em torno de uma só questão.

Sobre o autor

Frederico de Mello Brandão Tavares, doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.

Notas:

[1] O segundo volume, a ser publicado ainda em 2007, reunirá, segundo as organizadoras, "a vertente norte-americana" do pensamento das "social theories of press", e contará com textos de outros importantes nomes para a teoria contemporânea do jornalismo: Edward A. Ross, Robert Park e Walter Lippmann.

[2] Pesquisador que na década de 1970 dedicou-se à descrição daquelas que seriam as "teorias sociais da imprensa".